

Uma temporada no país do tédio: BLECAUTE

Marco Antonio Gutierrez

UERJ-LETRAS

PAIVA, Marcelo Rubens. *Blecaute*. São Paulo, Brasileira, 1986.

Súbito, o tempo humano pára: as pessoas, surpreendidas por um imprevisível e inexplicado holocausto no meio dos seus afazeres quotidianos, se congelam e são preservadas do apodrecimento. Escapam ao apocalipse somente três adolescentes — Rindu, Mário e Martina —, que retornavam de uma excursão às cavernas do Vale da Ribeira, encontrando São Paulo transformada num imenso museu de cera.

Depois do fim... O motivo é um velho conhecido da ficção científica. O próprio autor confessa que se inspira no seriado americano *Twilight zone*; Martina cita *A última esperança da Terra*, filme com o mesmo tema reprisado à exaustão na TV. O enlace com a ficção científica é evidente.

Mas a ficção científica, ao menos sua vertente mais rica, tem-se utilizado desse e de outros motivos para questionar os temas mais candentes da modernidade, problemas que vão da ecologia à ascensão do nazismo, da solidão aos paradoxos e dúvidas da ciência, do holocausto nuclear à fé no progresso. Salto de imaginação próprio de um tempo onde a racionalidade científica questiona seus limites, ela tem servido de instrumento a serviço da dúvida, da reflexão e da surpresa. Certamente, há uma outra face do gênero, voltada para as fantasias da adolescência, com função análoga à do *western*: reencontrar na obra um pedaço perdido de nós mesmos, vivendo imaginariamente as secretas fantasias juvenis.

É para essa segunda fase, e não para aquela que fala da surpresa e da incerteza, que *Blecaute* se volta, no seu encontro momentâneo com a ficção científica. E não quer ser nada mais que isso: “sonho de criança”, fantasia de adolescente tornada viva.

Isso transparece no discurso de Rindu, o narrador: “uma história nem um pouco original, nem artística, nem profunda, nem nada” (p. 133). Mas nem por isso se abdicou de falar da condição humana, ao menos daquela condição de ser freqüentador da boate Crepúsculo de Cubatão...

Recebendo “uma cidade de presente”, os três adolescentes divertem-se realizando suas próprias fantasias, todos os exercícios imagináveis (sexo, drogas, álcool, brincadeiras) para fugir à maldição resultante do holocausto: o tédio, aqui transformado na lassidão do tempo congelado. Rindu repete a si mesmo: “o universo em expansão”. Mas, paradoxalmente, o mundo do narrador não participa da expansão universal: seu tempo parou, abrindo-se num enorme vazio.

Nada se move em *Blecaute*. Os signos do apodrecimento que vão marcando a cidade não marcam as personagens nem a humanidade congelada. As referências às estações do ano apenas evocam um tempo cíclico, sempre igual a si mesmo. Tédio e melancolia, vazio e labirinto: o mundo de Rindu está pleno de signos deste *fin de siècle*.

Para o narrador, vida e vídeo têm o mesmo conteúdo. Sua principal atividade é sentar-se diante do videocassete e consumir imagens porque na tela estão “os únicos seres humanos que se movimentam, falam, vivem” (p. 70). Mas a vida no vídeo é também tempo congelado: olhamos e reencontramos sempre as mesmas imagens imudadas. Na tela não há tempo, há fotografias justapostas. Rindu se põe diante do mundo como diante do vídeo: é um espectador, não um participante.

É talvez aí que encontramos o problema central da narrativa: a impossibilidade radical de toda comunicação efetiva. O mundo dos homens está congelado: são agora fotografias. A “aldeia global” não é verdadeiramente comunicante porque entre os homens e os personagens existe um *écran* que impede a troca e o diálogo, permitindo apenas a circulação de imagens entre individualidades incomunicáveis.

Não foi o holocausto o que impossibilitou a comunicação. Há uma indisfarçável continuidade entre o Rindu das memórias da infância e o Rindu que encontra São Paulo povoada por fantasmas silenciosos. A incomunicabilidade é a de um tempo — o nosso. O holocausto apenas consagrou uma situação de fato: a linguagem não permite o diálogo, somente infinitos monólogos paralelos.

Blecaute flui como um filme despretensioso, tornando o leitor um outro Rindu: um tele-espectador passivo, mas nem por isso incapaz de projetar no imaginário as fantasias de um tempo perdido.